

(Des)encontros entre a psicanálise e a literatura: um breve panorama histórico

(Mis)encounters between psychoanalysis and literature: a brief historical overview

DOI: [10.22481/lnostr.v13i1.40107](https://doi.org/10.22481/lnostr.v13i1.40107)

Cintya de Abreu Vieira¹

Universidade Federal do Tocantins

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-8458-2665>

E-mail: cintya.vieira@mail.uft.edu.br

Rejane de Souza Ferreira²

Universidade Federal do Tocantins

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2561-4581>

E-mail: rejaneferreira@mail.uft.edu.br

Resumo

Desde seu início, a psicanálise se interessou por produções literárias; contudo, suas interfaces são permeadas por divergências, em grande parte atribuídas às primeiras apropriações do objeto literário pela psicanálise. O primeiro psicanalista, Sigmund Freud, inicialmente, se dedica à relação entre autor e obra, não só na literatura, mas na arte de forma geral, privilegiando a investigação da vida psíquica do autor em detrimento da produção artística. Entretanto, em alguns trabalhos, ele superou esse determinismo, como é o caso do texto *Das Unheimliche* (1919), ao investigar o conto “O Homem de Areia”, de E.T.A Hoffman, neles Freud ressalta os aspectos da narrativa e de seus personagens e não a novela edípica do escritor. A psicanálise herda de Freud, e reafirma com a contribuição lacanianiana, o reconhecimento da vertente cultural da literatura como um material profícuo para estudar a linguagem, os laços sociais e os relevos de cada época, através do ficcional que é constituído do mesmo material de uma análise: a palavra, considerando as especificidades do campo literário e privilegiando a interpretação das camadas de significação do texto. Ao buscar compreender as mutações pós-freudianas de abordagem da literatura, percorremos as contribuições de algumas psicanalistas contemporâneas para compreender as confluências entre esses dois campos, como Heloisa Caldas (2007), Shoshana Felman (2020), Lucia Castello Branco (2022) e Cleusa Rios P. Passos (2009), que seguem na esteira lacanianiana de romper com as outras práticas reducionistas e de patologização dos personagens e do autor.

Palavras-chave: Sigmund Freud; Jacques Lacan; Crítica literária; Teoria psicanalítica.

¹ Mestrado em Estudos Literários pela Universidade Federal do Tocantins (UFT).

² Professora associada de Literaturas de Língua Inglesa na Universidade Federal do Tocantins, onde também atua no Programa de Pós-Graduação em Letras.

Abstract

Since its beginning, psychoanalysis has been interested in literary productions; however, its interfaces are permeated by divergences, primarily attributed to psychoanalysis's first appropriations of the literary object. The first psychoanalyst, Sigmund Freud, initially dedicated himself to the relationship between author and work, not only in literature but in art in general, privileging the investigation of the author's psychic life to the detriment of artistic production. However, in some works, he overcame this determinism, as is the case of the text *Das Unheimliche* (1919), when investigating the short story *The Sandman*, by E.T.A Hoffman, in which Freud highlights the aspects of the narrative and its characters and not the writer's Oedipal novel. Psychoanalysis inherits from Freud, and reaffirms with the Lacanian contribution, the recognition of the cultural aspect of literature as a fruitful material for studying language, social ties, and the highlights of each era, through fiction that is made up of the same material as an analysis: the word, considering the specificities of the literary field and privileging the interpretation of the layers of meaning of the text. In seeking to understand the post-Freudian mutations in the approach to literature, we examine the contributions of some contemporary psychoanalysts to understand the confluences between these two fields, such as Heloisa Caldas (2007), Shoshana Felman (2020), Lucia Castello Branco (2022) and Cleusa Rios P. Passos (2009), who follow in the Lacanian footsteps of breaking with other reductionist practices and pathologization of characters and the author.

Keywords: Sigmund Freud; Jacques Lacan; Literary Criticism; Psychoanalytic Theory.

INTRODUÇÃO

A literatura e a psicanálise compartilham a mesma matéria-prima: a palavra, em suas diferentes modalidades, escrita e falada, e sua arte interpretativa. Contudo, as relações estabelecidas entre esses dois campos são marcadas por tensões, devido às primeiras formas de apropriação da literatura por alguns psicanalistas, que incorreram no erro de reduzir a literatura à ilustração da teoria psicanalítica, conseqüentemente apagando a especificidade das obras literárias. Diante disso, nesta pesquisa, nos propomos a traçar um breve panorama histórico da relação entre psicanálise e literatura, partindo dos primeiros impasses da intersecção entre esses dois campos até alguns avanços contemporâneos, compreendendo seus pontos de confluências. Julgamos que lançar luz sobre os aspectos históricos dessa relação contribui para fortalecer as possibilidades entre esses campos e fomentar o avanço de ambas as áreas, respeitando as suas particularidades.

Desde Sigmund Freud, a literatura é um campo caro à psicanálise e, naturalmente, alguns equívocos foram traçados nessa relação. O próprio fundador dessa linha terapêutica se equivocou em algumas vertentes metodológicas quando, por exemplo, defendeu a análise da

obra a partir da vida do autor. Contudo, como veremos nesta pesquisa, o psicanalista vienense durante sua aproximação da literatura não ficou restrito apenas às questões edípicas dos escritores, mas em alguns momentos conseguiu privilegiar a supremacia do texto literário. Isso é notório na postura adotada por Freud no texto *Das Unheimliche* de 1919, em que ele aborda a literatura sem reduzir a obra à vida do autor. Neste texto, Freud se debruça na análise do conto *O Homem de Areia* do escritor alemão E. T. A. Hoffmann e se detém nos aspectos da narrativa fantástica, como o fenômeno do duplo que se torna um construto importante para teoria psicanalítica.

As artes no geral representaram um campo de interesse freudiano, mas a literatura se destacou, ao ponto do psicanalista propor que fosse incluída como parte fundamental dos estudos dos psicanalistas em formação, como veremos na proposta da *universitas literarum*. A relevância da literatura para Freud foi transmitida aos seus sucessores, contudo não sem alguns embaraços. Alguns dos seguidores do criador da psicanálise ignoraram as abordagens freudianas frente a literatura que davam ênfase ao texto e aprofundaram em metodologias que visaram a novela edípica do escritor, seu mito pessoal e sintomas, culminando em práticas que ficaram conhecidas como patografia, psicobiografia e psicocrítica, conforme apresentaremos a seguir. Antes disso, esmiuçaremos um pouco do trajeto iniciado por Freud.

1. As facetas da relação de Freud com a literatura

A produção textual de Freud revela seu interesse em investigar não apenas a literatura, mas também artes, contudo, em função de nosso objetivo, iremos nos ater apenas ao interesse literário de Freud. Esse, por sua vez, surgiu logo no início de seu trabalho. Antes mesmo de ele utilizar a literatura como subsídio para formular sua teoria e ilustrar alguns dos seus conceitos, ele já fazia uso de mecanismos literários quando a medicina de sua época fracassou no atendimento às mulheres que pareciam sofrer dos nervos. Elas não se enquadravam na forma objetiva a que eram submetidas a investigação, pois a objetividade não contemplava as questões subjetivas que elas enfrentavam.

Antes de desenvolver o tratamento psicanalítico, Freud utilizou métodos de tratamento alternativos utilizados por outros médicos para tratar as histéricas. O seu primeiro contato com essas pacientes foi através de um estágio, no Hospital da Salpêtrière, em Paris, ao trabalhar com o médico Jean-Martin Charcot, que era conhecido por tratar com o método hipnótico as

pacientes que tinham o diagnóstico de histeria. Essa abordagem clínica não dava voz às mulheres, pois elas eram submetidas a sugestão médica e seu controle. Com o tempo, através de seus estudos, Freud vai se dando conta das falhas dessa prática e de suas limitações. Ele é o responsável por inaugurar um novo tratamento para as histéricas, ao romper com método da medicina e com a hipnose, e posteriormente, com o método catártico proposto pelo médico Josef Breuer:

Quando, no final do século XIX, algumas mulheres começam a resistir ao método hipnótico proposto por seus “médicos dos nervos” para tratar aquilo a que eles chamavam de histeria, a psicanálise nasce. Com ela nasce também um psicanalista, aquele que escuta, e uma nova prática clínica em que a voz, que antes era monopólio do saber médico (e do homem), é o seu principal objeto. Agora, talvez pela primeira vez na história da humanidade, a mulher pode falar livremente, sem julgamentos e censuras, dando voz ao seu próprio corpo e àquilo que antes aparecia como sintoma (Branco e Sobral, 2022, p. 116 e 117).

Freud cria a associação livre³ e desenvolve um conceito caro à psicanálise, que é a transferência⁴, fazendo leituras ficcionais dos casos.

Em outros termos: desde o início, o psicanalista estava advertido quanto à necessidade de forjar um método próprio, que transitasse entre registros discursivos diversos: era preciso combinar pelo menos o rigor conceitual do cientista com o rigor formal do poeta. Não custa lembrar: não se trata aqui de um elogio romântico a uma suposta oposição entre a liberdade da poesia e a rigidez da ciência. Ao contrário, a tarefa do analista consiste em ler os relatos clínicos como romances, com todo o rigor formal que é exigido pela própria apresentação do material. Convém não confundir rigor e rigidez. Ler os relatos clínicos como romance: a objetividade do fato clínico depende de sua construção formal, através da escrita. Essa construção engloba recursos linguísticos heterogêneos, indo desde o uso do fragmento e do aforismo ao estabelecimento de inferências causais entre eventos aparentemente desconexos; desde a análise de semelhanças fonéticas até a reconstrução narrativa de detalhes das cenas descritas (Iannini, Tavares e Romão, 2021, p. 16).

Não são apenas os psicanalistas contemporâneos que compreendem e investigam a

³ Método criado por Freud, onde o paciente é convidado a falar livremente, sem censura, tudo que lhe ocorrer e lhe vier à cabeça. Diferente da hipnose quando o médico sugeria os temas para as pacientes. Ao associar livremente, são os pacientes que trazem os conteúdos da sessão, dessa forma Freud acreditava que o conteúdo inconsciente iria emergir.

⁴ Freud é o grande responsável por perceber que a transferência, ou seja, a repetição de afetos que as pacientes atualizavam na relação com o médico, poderia ser usada como motor para o tratamento, podendo ser manejada. Ainda, poderia ser uma transferência positiva, mas também se manifestar sob os aspectos de hostilidade sendo uma transferência negativa. Para não ser uma resistência ao tratamento caberia ao médico estar disposto a trabalhar esses conteúdos com os pacientes, pois esses afetos remeteriam às vivências anteriores que eram atualizadas no *setting* terapêutico.

influência da literatura na obra de Freud. Na própria escrita de seus textos, o que conseqüentemente muda a forma de lê-los, o próprio fundador da psicanálise confessa essa relação entre a literatura e a psicanálise, aproximando sua obra da Literatura moderna e, ainda, reconhecendo a capacidade dos artistas e escritores para se apropriarem da psicanálise. Esses aspectos são mencionados por ele em entrevista com o escritor italiano, Giovanni Papini em Viena em maio de 1934:

Todo mundo acredita que eu me ateno antes de mais nada ao caráter científico de meu trabalho e que minha meta principal é o tratamento das enfermidades mentais. É um tremendo erro que tem prevalecido durante anos e que tenho sido incapaz de corrigir. Eu sou um cientista por necessidade e não por vocação. Sou, na verdade, por natureza, artista [...] e disso existe uma prova irrefutável: em todos os países onde a Psicanálise tem penetrado, tenho sido melhor compreendido e aplicado pelos escritores e artistas que pelos médicos. Meus livros, de fato, se parecem mais a obras de imaginação que a tratados de patologia [...] Eu tenho podido cumprir meu destino por uma via indireta e realizar meu sonho: seguir sendo um homem de letras, mesmo que sob a aparência de um médico. Em todo grande homem de ciência está o germen da fantasia; mas nenhum propõe, como eu, traduzir a teorias científicas a inspiração que a Literatura moderna oferece. Na Psicanálise, o senhor encontrará reunidas, mesmo que transformadas em jargão científico, as três grandes escolas literárias do século XIX: Heine, Zola e Mallarmé estão reunidos em minha obra sob o patrocínio de meu velho mestre, Goethe (Andrade, 2005, p. 32).

Freud se empenha na construção da psicanálise enquanto ciência sem ignorar a importância da arte, da cultura e da literatura. Um argumento a favor dessa premissa é o prêmio Goethe que lhe é agraciado em 1930. Tratava-se de um prêmio concedido às pessoas de diferentes áreas que davam uma contribuição relevante para a cultura, que se destacavam por sua inventividade. O psicanalista recebeu o prêmio por conta da combinação, em suas obras, do rigor científico com a literatura, e por sua proposta de tratamento que se diferenciava das contribuições médicas de seus coetâneos.

A relevância da literatura para Freud também é demonstrada no lugar que ele atribui a ela na formação dos psicanalistas. Em seu texto de 1926, ao defender que a psicanálise poderia ser exercida por pessoas que não são formadas em medicina, marcando uma independência da psicanálise em relação a formação médica, ele justifica argumentando que a formação do analista está para além da formação da graduação em medicina. Pois, a formação do analista deveria incluir disciplinas alheias à medicina, entre elas, cita a Ciência da Literatura. Freud (2010 [1919]) já havia mencionado os interesses da psicanálise pela história da literatura, mitologia, história e filosofia e ele conclui que, se a psicanálise fosse ensinada nas

universidades, estaria dentro de uma especificidade que incluiria essas disciplinas e que ele nomeia de: *universitas literarum*.

Visto a importância que ele atribuiu para a literatura na formação dos psicanalistas, agora nos deteremos no texto em que Freud privilegia a obra e sua construção interna sem buscar respostas interpretativas na vida do autor. Na análise que Freud faz das obras literárias para subsidiar a teoria psicanalítica, o trabalho *Das Unheimliche* (1919) ganhou maior notoriedade, pois é nele em que o psicanalista manifesta um interesse supremo pela obra, *O homem da Areia*, de E.T.A Hoffmann, sem relacionar a vida do autor. Por esse e outros motivos, ficou conhecido como o texto em que ele muda de perspectiva investigativa, embora, Ernani Chaves pondere:

É claro que, na história controversa da recepção desses escritos, há uma exceção: *Das Unheimliche* (1919), que passou a ser reconhecido como sendo o único texto de Freud que escaparia ao determinismo da vida sobre a obra. Como se depois de 1919 Freud tivesse mudado inteiramente de posição. O que, no mínimo, o texto sobre Dostoiévski, de 1929, desmente inteiramente. Assim, é como se o texto de 1919 introduzisse uma ruptura total, que favoreceria inteiramente as suas “inovações”, delegando, desse modo, tanto os escritos anteriores quanto os posteriores a um lugar secundário quase inteiramente à sombra. Nessa perspectiva conceitos importantes mobilizados naqueles textos, como os de identificação, sublimação, fantasia, projeção, escolha, lembrança encobridora, Eu, Supereu, pareciam nada dizer de muito importante aos psicanalistas, o mesmo valendo para o campo da Estética e da Filosofia da Arte (Chaves, 2020, p. 11 e 12).

As múltiplas formas de Freud se aproximar da arte e da literatura demonstram não haver uma verdade última sobre esses campos, capaz de dizer tudo sobre eles. Por tanto, o psicanalista utilizou vários métodos, oscilando entre suas formas de analisar os assuntos dessa área, não obedecendo uma evolução cronológica. Pois, nos textos produzidos em períodos próximos pode haver contradições de ideias e até mesmo em um mesmo texto (Autuori e Rinaldi, 2014). A relação de Freud com a arte e a literatura reflete algo do seu estilo como escritor, clínico e pesquisador, pois em sua obra as contradições não são camufladas, o próprio autor as coloca em cena, a construção da sua teoria foi dinâmica, sendo sempre questionada e modificada, pelo próprio autor, no decorrer de toda sua vida.

O texto, *Das Unheimliche*⁵ (1919) é um exemplo da dinamicidade do pensamento de

⁵ Em português adotaremos a tradução de Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares pela editora Autêntica, por utilizarem um neologismo que se aproxima do conceito do texto original em alemão, “o infamiliar”.

Freud. Neste texto o autor investiga através dos exemplos da literatura fantástica o tema do *infamiliar*, retomando construtos teóricos importantes para a psicanálise, como: a castração, o recalque, o duplo e a sexualidade infantil. O autor contrasta as vivências com a realidade da ficção literária:

O infamiliar da ficção – da fantasia, da criação literária – merece, de fato, uma consideração à parte. Ele é, sobretudo, muito mais rico do que o infamiliar das vivências. Ele não só o abrange na sua totalidade, como é também aquele que não aparece sob as condições do vivido. O antagonismo entre recalçado e superado não pode ser transposto para o infamiliar da criação literária sem uma profunda modificação, uma vez que o reino da fantasia tem como pressuposto de sua legitimação o fato de que seu conteúdo foi dispensado da prova de realidade. O resultado paradoxal que ressoa aqui é que na criação literária não é infamiliar muito daquilo que o seria se ocorresse na vida e que na criação literária existem muitas possibilidades de atingir efeitos do infamiliar que não se aplica à vida (Freud, 2020 [1919], p. 107).

A partir da relação do personagem Nathaniel com o Homem da Areia, aquele que arranca os olhos das crianças, Freud investiga sobre o tema do *Unheimliche*, palavra que ele extrai do cotidiano alemão e eleva a *status* de conceito psicanalítico:

[...] Então entendemos por que o uso da língua permitiu que o familiar deslizesse para seu oposto, o infamiliar, uma vez que esse infamiliar nada tem realmente de novo ou de estranho, mas é algo íntimo à vida anímica desde muito tempo e que foi afastado pelo processo de recalçamento. Essa relação com o recalçamento também lança luz, agora à definição de Schelling, para quem o infamiliar seria algo que deveria permanecer oculto, mas veio à tona. (Freud, 2020 [1919], p. 85 e 87).

O interesse dos analistas próximos a Freud pelo tema da literatura e da arte, evidencia que ele transmitiu que se tratava de um assunto caro à psicanálise. Contudo, alguns de seus discípulos restringiram as possibilidades de leitura, como os casos das práticas das patografias e psicobiografias. A patografia é uma prática de análise literária expandida pelos psicanalistas, mas que já existia desde o final do século XIX, adotada, a princípio, por médicos psiquiatras. Ela visava estudar as obras de autores e filósofos renomados, como Baudelaire e Nietzsche, por exemplo, relacionando a obra com as experiências traumáticas do autor. Na psicanálise, esse gênero se fortalece com a associação da investigação da sexualidade e complexo de Édipo dos autores. O psicanalista René Laforgue é um dos principais exemplos, da união da patografia com a psicanálise, com seu livro, publicado em 1931, *O fracasso de Baudelaire: um estudo psicanalítico sobre a obra de Charles Baudelaire* (Chaves, 2020).

A patografia não se detinha ao texto literário, como fonte de leitura e interpretação por si mesmo, mas buscava encontrar respostas interpretativas para a obra em um possível diagnóstico do autor. Como discute Passos (1995), a literatura enquanto expressão, por exemplo, da neurose do autor, fica restrita a ilustração analítica, como uma descrição clínica, como é o caso do trabalho de René Laforgue.

Outro trabalho que seguia, em parte, essa vertente era a proposta da seguidora de Freud, Marie Bonaparte, sobre Edgar Allan Poe. O livro da escritora e psicanalista foi publicado em 1933, com título: *Estudo psicanalítico*. Ela segue na direção de relacionar vida e obra do autor, contudo Noel (1978) salienta que se trata de um material rico e não se restringiu a patografia, contendo características da psicobiografia, e, posteriormente sendo um material de interesse da psicocrítica.

A psicobiografia evidencia um avanço em relação a patografia, não tendo por objetivo diagnosticar o autor. Entretanto, “com a psicobiografia, paralelos entre atividade literária, biografia e motivações inconscientes insistem nas trilhas redutoras” (Passos, 1995, p. 17). Dentro das motivações inconscientes, a infância do escritor ganha um destaque. Um trabalho de Freud que se aproximou dessa proposta de seus seguidores foi a análise do episódio da infância de Goethe. Alguns dos pós-freudianos que se destacaram nessa área foram: Jean Delay, Marie Bonaparte, Dominique Fernandez, Jean Laplanche e Marcel Moré. No trabalho de Laplanche, sobre Hölderlin havia um interesse na manifestação poética da loucura, com influências do ensino lacaniano, pelo interesse na simbolização do sujeito.

Noel (1978) faz um levantamento sobre a relação dos discípulos de Freud com a literatura. Ele descreve que nos primeiros cinquenta anos, após as publicações freudianas, os analistas adotaram predominantemente uma perspectiva de preocupação em relação ao autor. Contudo, houve outra face de análise literária que foi desenvolvida pelos seguidores de Freud, no caso, a psicocrítica:

Por sua vez, a psicocrítica (nome surgido em 1948) de Charles Mauron (1963), com suas superposições, metáforas obsedantes e a descoberta do mito pessoal do escritor, corporifica um avanço para os estudos literários, uma vez que o interesse primeiro é a obra, sua rede de imagens e estruturas. Em última instância, no entanto, os psicocríticos ainda recorrem a documentos referentes à vida, reiterando-se a problemática sujeição do literário a uma leitura que acaba atribuindo ao biográfico expressiva importância, esquecendo-se de pontuá-lo com um dos elementos da obra diluído em sua fatura (Passos, 1995, p. 18).

Isso comprova que Freud não estava interessado apenas em aspectos da vida dos autores, como alguns pós-freudianos enfocaram. Com as diferentes faces da relação freudiana com a literatura que apresentamos, buscamos evidenciar que limitá-lo a uma única abordagem com esse campo é empobrecer a contribuição multifacetada que ele deixou, como aponta Sousa:

Mesmo que Freud tenha evidenciado o quanto as particularidades da história de vida do artista reverberam nas formas de sua criação, não podemos deduzir daí que a vocação do método psicanalítico, no diálogo com a arte, fosse apenas de nos esclarecer sobre os processos psicopatológicos dos artistas. Freud era muito mais ambicioso. Ele trouxe uma nova contribuição sobre os motores da criação artística abrindo assim novas reflexões para o campo da estética (2020, p. 327 e 328).

Dos pós-freudianos, Lacan é um dos pioneiros a romper com a patografia, a psicobiografia e a psicocrítica. Ele tece uma outra relação com a literatura, não a utiliza como ilustração da clínica, não está interessado em diagnosticar o autor, nem em relacionar biografia e obra de maneira redutora, como explanaremos a seguir.

2 A contribuição de Lacan para a relação da psicanálise com a literatura

Lacan se aproxima da mitologia para discorrer sobre questões da teoria psicanalítica, contudo ele não psicanalisa os personagens, mas extrai aspectos lógicos das narrativas, como por exemplo, a leitura que ele faz da *Antígona* relacionando ao desejo e a ética da psicanálise. Também nos momentos em que Lacan se deteve em escritores como Marguerite Duras e Joyce, percebe-se que ele não estava interessado nas questões edípicas deles, como foi o interesse de Freud ao se debruçar sobre alguns escritores.

[...] ao contrário de Freud, predominante temático em literatura, Lacan explora vertentes que dão corpo à realização da obra. Tais vertentes não surgem mais como ponto fixo de significação (caso do Édipo, da castração, da psicose, etc.), e, sim, virtual rearranjo de sentidos, rearranjo encontrado na rede de significantes, visando não a um dado externo ao texto, ou anterior a ele, mas à somatória possível de sentidos que operam por deslizamento, haja vista a mencionada noção de “rede” (Passos, 2009, p. 202).

Ele segue o pressuposto freudiano de que os artistas estão à frente dos psicanalistas, e que eles têm algo a ensinar à psicanálise: “Lacan, por sua vez, não aplicou a psicanálise nem à arte, nem ao artista, mas não deixou de aplicar, por exemplo, a literatura à psicanálise, já que

ela nos ensina sobre o saber fazer com a linguagem” (Caldas, 2007, p. 15). Lacan se interessou pelo saber fazer dos artistas e escritores e o uso da linguagem, como demonstra o seminário 23, que contém a palestra intitulada "Joyce, o sintoma", proferida por Lacan em 1975, na Sorbonne. Em seu trabalho sobre James Joyce, Lacan considera que ele tenha conseguido através da sua escrita um efeito próximo ao tratamento psicanalítico: “O extraordinário é que Joyce o tenha conseguido, não sem Freud (embora não baste que o tenha lido), mas sem recorrer à experiência da análise (que talvez o tivesse engodado com um fim medíocre)” (Lacan, 2003a, p. 566).

A perspectiva lacaniana sobre o texto de Joyce demonstra que seu interesse pela cultura é indissociável da psicanálise, da sua teoria e de sua clínica. É a partir dos impasses da clínica que ele dirige a atenção para as obras literárias, como as de James Joyce (Mandil, 2003). Contudo, a dimensão clínica de Lacan não fez com que ele tratasse o texto e o autor como se fossem seus analisandos, sua posição diante da literatura é outra:

Sobre esse aspecto, cabe uma observação a respeito da maneira como Lacan se aproxima da obra de Joyce. Diferentemente de Freud, não se evidencia na perspectiva lacaniana qualquer preocupação a respeito das possibilidades da psicanálise como “ciência da literatura”. Isso, todavia, não o libera para uma leitura que se confunde com a mera aplicação dos conceitos da psicanálise, como se esses conceitos já estivessem definitivamente estabelecidos. A riqueza da leitura que Lacan faz da obra de Joyce reside, a meu ver, no fato de sua orientação da psicanálise ser também a de um *work in progress*, o que permite pensar seus conceitos e sua prática sujeitos a constantes reelaborações diante dos impasses ou das dificuldades que estão em seu caminho. Sabemos como é empobrecedor restringir os avanços da psicanálise sobre as obras literárias a uma ilustração de seus conceitos. Quando Lacan se aproxima da obra de Joyce, não o faz como mero “adorno” a suas elaborações, mas como alguém que tem a plena consciência, transmitida por Freud, de que a arte em geral, e a literatura em particular, como bem observa François Regnault (1993), participam da *organização* dos conceitos da psicanálise (Mandil, 2003, p. 19 e 20).

É o que vemos, também, na abordagem lacaniana da literatura de Marguerite Duras. Ele faz uma homenagem à escritora, pelo arrebatamento de Lol V. Stein, personagem do romance *O Deslumbramento*. Lacan percebe que a escritora francesa, sem a teoria psicanalítica, chega às questões que são do interesse da psicanálise, como a pulsão escópica. Ele fala da construção que ela faz sobre o enlaçamento da personagem através do olhar, a partir das parcerias amorosas que ela estabelece, e os desdobramentos disso na narrativa do romance. Contudo, ao reconhecer algo próximo a um saber psicanalítico, inconsciente, na escrita de Duras, ele alerta sobre não psicanalisar a escritora:

Penso que, apesar de Marguerite Duras me fazer saber por sua própria boca que não sabe, em toda a sua obra, de onde lhe veio Lol, e mesmo que eu pudesse vislumbrar, pelo que ela me diz, a frase posterior, a única vantagem que um psicanalista tem o direito de tirar de sua posição, sendo-lhe esta reconhecida como tal, é a de se lembrar, com Freud, que em sua matéria o artista sempre o precede, e portanto, ele não tem que bancar o psicólogo quando o artista lhe desbrava o caminho. Foi precisamente isso que reconheci no arrebatamento de Lol V. Stein, onde Marguerite Duras revela saber sem mim aquilo que ensino. No que não diminuo em nada seu talento por apoiar minha crítica na virtude de seus meios. Que a prática da letra converge com o uso do inconsciente é tudo de que darei testemunho ao lhe prestar homenagem (Lacan, 2003b, p. 200).

Em *Lituraterra*, Lacan (2003c), mais uma vez, contrasta seu método de articulação entre psicanálise e literatura com os métodos praticados por outros psicanalistas. Ele critica a psicobiografia e aponta seus limites para trabalhar o texto. Ele usa, como exemplo para sustentar seu argumento, o conto *A carta roubada*, de Edgar Allan Poe. Esse conto havia sido analisado por Marie Bonaparte em uma perspectiva psicobiográfica.

No conto de Poe, Lacan dá atenção ao automatismo de repetição, adotando recursos de escrituras, semelhantes aos de Barthes, conjugando sabor e saber. Ele se afasta da análise psicobiográfica e rejeita o tratamento que Freud deu às personagens. Se em *Gradiva*, Freud toma as personagens como pessoas a serem psicanalisadas, em *A carta roubada*, Lacan se afasta dessa abordagem e privilegia o deslocamento da cadeia simbólica e da modificação quando detém um significante textual que é, ao mesmo tempo, chave e ambíguo em francês: *lettre/carta*, letra (Passos, 2009).

A partir dessas contribuições freudianas e lacanianas para possibilidades de aproximação da psicanálise com a literatura, veremos adiante outras propostas de métodos adotados por alguns psicanalistas e críticos literários contemporâneos que se ocupam da relação entre esses dois campos e as suas contribuições para pensar os tensionamentos e (des)encontros entre essas duas áreas.

3 As vertentes da psicanálise contemporânea e suas associações com a literatura

O psicanalista e pesquisador, Mandil (2005), ao investigar as aproximações entre literatura e psicanálise, adota a proposta de Borges de incluir um lugar para o impossível, pois considera haver um limite para a dimensão simbólica, logo o impossível seria o encontro com aquilo que não é possível representar. Tanto a literatura quanto a psicanálise lidam com tipos

de impossíveis em suas práticas particulares e, também, no encontro entre esses dois campos. Sendo assim, ele propõe que a relação entre essas duas áreas deve ser vista como produtos de uma invenção constante, oriunda de averiguação dos seus conceitos e fundamentos. A aproximação entre literatura e psicanálise deve abranger um esforço de atualização: “tanto em relação ao que se apresenta como desafio para a Literatura, quanto ao que se coloca como questão crucial para a prática analítica no mundo contemporâneo” (Mandil, 2005, p. 46).

Uma possibilidade de convergência entre a psicanálise e a literatura é a noção de que se trata de formas de produção de texto, uma escrita, na literatura, e a outra através da associação livre, em análise que deve ser lida pelo psicanalista. Miranda (2005) propõem pensar o texto literário e o texto inconsciente, a partir do ensino de Lacan, como próximos, o que não significa idênticos e que a literatura altera a psicanálise, mas não a transforma em literatura, pois Freud e Lacan ao aproximar alguns textos aos seus ensinamentos, também marcam uma separação. Ruth Brandão ao comentar sobre “o E da questão”, quando se trata de pensar literatura e psicanálise e da alteridade de cada uma dessas áreas fomenta que: “Partimos da idéia de que o E não é sempre adição. Não se somam os saberes, eles se enlaçam, costuram-se, recortam-se. O E é também limite ou marca do indecível, impossibilidade de atravessar territórios heteróclitos. Litorais” (Brandão, 2005, p. 5).

Diante das diferenças entre essas duas áreas, multiplicam-se as formas de abordá-las. Há uma vertente psicanalítica que recorre à literatura, na contemporaneidade, como possibilidade de abordar as ebulições culturais e sociais articuladas à clínica, como por exemplo, o trabalho da psicanalista Maria Rita Kehl (2016). Ela propõe pensar a personagem Emma Bovary, de Gustave Flaubert, como paradigma da mulher durante a consolidação da cultura burguesa e suas contribuições para pensar as questões clínicas sobre a feminilidade e a maternidade.

Heloisa Caldas, em seu livro *Da voz à escrita: clínica psicanalítica e literatura*, aborda o objeto voz a partir da literatura, com a obra de José Saramago, articulando com a clínica psicanalítica de orientação lacaniana. Ela busca comparar o fazer da literatura com o fazer da experiência analítica, pois ambas fazem uso da linguagem verbal, considerando que há algo da análise que se escreve e que algo da voz pode se incluir na escrita. O trabalho da psicanalista não se separa dos interesses culturais e de temas emergentes na contemporaneidade:

Para este trabalho, fazia-se necessária a interface entre a produção literária que propõem uma nova forma de dizer, proveniente do saber singular do escritor, e a produção que se dirige ao coletivo e tenta dar âmbito universal a esse saber singular. Acredito ter encontrado isso em José Saramago. Sua literatura está engajada nas questões da contemporaneidade; quase toda semana, em crônicas e artigos de jornal, ele se mete em questões políticas, sem deixar de nos brindar, ano após ano, com um livro dedicado aos temas intrigantes da época (Caldas, 2007, p. 24).

Outra vertente é a da literatura como possibilidade de pensar os mecanismos da clínica, como a proposta de trabalho da Lucia Castello Branco criando o neologismo psicanálise literária. “A psicanálise literária é uma expressão criada por Branco para fazer alusão à psicanálise que tem na letra o seu principal operador teórico e, na literatura, aliada à psicanálise, os fundamentos que sustentam essa prática da letra” (Branco e Sobral, 2022, p.20). A prática da letra é uma noção do ensino lacaniano e que está ligada também às relações entre psicanálise e literatura, sendo de grande importância: “ora, a letra é o que faz borda entre uma e outra. É a letra o litoral que, como acontece com a água e a areia no oceano, permite que esses dois campos heterogêneos se encontrem e se toquem, deixando um pouco de um e levando um pouco do outro em um movimento contínuo e cuidadoso” (Branco e Sobral, 2022, p.21). No livro *O que é Psicanálise Literária?*, a criadora do neologismo esclarece que não visa esgotar a definição do termo e nem trazer uma explicação última, pois se trata de uma nomenclatura em desenvolvimento e construção. A psicanalista localiza que ele estaria se desenvolvendo desde seus primeiros trabalhos com a literatura e a psicanálise, por exemplo, em oficinas de escrita oferecidas para psicóticos, em 1991, projeto desenvolvido pelo CNPq: “Tais práticas, desenvolvidas até hoje, nos permitem dizer, então, que a psicanálise literária nasce do encontro da poesia com a psicose” (Branco e Sobral, 2022, p. 111). Ela relaciona o surgimento do termo com a sua pesquisa acerca do que Shoshana Felman fala sobre escrita, loucura e psicanálise a partir da abordagem lacaniana da literatura. Também se apoia na proposta de Shoshana Felman de uma psicanálise não mais aplicada ao texto, mas implicada. Outra característica ligada à psicanálise literária é a escrita: “[...] mas sobretudo a psicanálise literária como uma clínica do escrito e da escuta na direção de alguns trabalhos que, no campo da teoria literária, têm pensado a escuta como ressonância corporal e como um operador de leitura” (Branco e Sobral, 2022, p. 101).

Na gênese da criação desse neologismo para abordar as relações entre literatura e psicanálise, Lucia Castello Branco, em entrevista com Ayanne Sobral, diz que uma das suas

motivações foi se afastar do binarismo causado por essa expressão:

Na verdade, minha primeira ideia ao formular a expressão “psicanálise literária” foi contribuir, de alguma forma, para sair de um certo binarismo que pode ser sugerido (e que sempre nos incomodou), pela ideia de “Literatura e Psicanálise”. Chegamos mesmo a propor, ainda com a coordenação da Ruth, um colóquio: “Literatura e Psicanálise: o e da questão”. Convidamos Eduardo Vidal, Jeferson Machado Pinto, Ana Maria Portugal e vários doutorandos da linha de pesquisa. Cada um fez um texto bem interessante, problematizando este “e”, essa conjunção aditiva. E minha ideia, ao propor a psicanálise literária, era justamente eliminar a aditiva, enfatizando um certo atrito entre esses dois campos, não sem alguma ironia. Pois a ideia também passava por “psicanálise freudiana”, “psicanálise literária” (Branco e Sobral, 2022, p. 62).

Uma outra perspectiva de enlaçamento da psicanálise com a literatura, é a da crítica literária psicanalítica como uma disciplina circunscrita dentro da teoria e crítica literária, que como discorre Bartucci atualmente tem mudado seus interesses e métodos:

Se, anteriormente, privilegiava uma leitura preocupada em captar as motivações do autor, dando lugar a uma interpretação psicopatologizante do texto, a uma psicografia, ou mesmo ao exame da construção textual a partir da primazia do significante, hoje distingue-se por privilegiar, na enunciação, indícios de transformação do elemento extraliterário. Isto implica que tal crítica, ao indagar-se acerca da possibilidade efetiva de uma crítica literária psicanalítica, privilegie a discussão sobre o método psicanalítico de pesquisa do inconsciente – o método interpretativo aplicado ao texto. [...] Assim, o crítico psicanalista não lê o texto, ele o “desliga”, a partir das marcas que permanecem visíveis ao seu “olhar-escuta”. Neste redimensionamento da noção de interpretação, ainda que conservando o caráter “flutuante” que define a escuta psicanalítica, o que distinguiria a posição do crítico psicanalista seria a sua capacidade para trabalhar a partir dos inúmeros deslocamentos provocados pelo texto em seu próprio desejo (Bartucci, 2001, p. 32 e 33).

Shoshana Felman é uma das críticas literárias contemporâneas que segue essa perspectiva de relação da psicanálise com a literatura. Ela foi influenciada pelo ensino de Lacan, frequentou seus seminários e teve uma relação próxima a ele, que esteve na *Vale University* a seu convite. Partindo do ensino lacaniano, enquanto professora e pesquisadora, ela se dedicou a estudar as confluências entre literatura e psicanálise. Em um de seus trabalhos, ela analisa a obra *A volta do parafuso* de Henry James, tecendo críticas a exegese psicanalítica do texto, por parte do crítico Edmund Wilson, que tem uma abordagem de diagnosticar a narrativa, restringindo as possibilidades de interpretação:

[...] É, entretanto, o que parece que Wilson faz, na medida em que repete o gesto da governanta; é, então, precisamente, o que faz a psicanálise, todas as vezes em que cede à tentação do diagnóstico, à tentação de indicar, de mostrar ou de situar justamente a

loucura na literatura, acreditando chegar ao ponto de “explicar” o sintoma mesmo do fenômeno literário A psicanálise, como a governanta, somente diagnostica a literatura para se justificar para garantir seu controle de sentido – para denegar sua própria leitura (Felman, 2020, p. 265).

Felman se opõe a postura psicanalítica diante da literatura que se coloca como dominadora dela, tentando explicar o texto, controlando seu sentido, em uma posição de maestria e eliminando a reserva de silêncio do texto, “o que especificamente – no interior da palavra – não sabe falar; matando o silêncio mesmo da palavra por excelência literária – de uma palavra que não sabe dizer o que ela sabe –, é a psicanálise que acaba, paradoxalmente, por recalcar o inconsciente que ela ‘explica’” (Felman, 2020, p. 263).

A professora e crítica literária adverte de que quando a psicanálise se coloca na posição de maestria diante da literatura, para dominá-la, ela tende a ficar cega diante do texto, logo narrativas como a de Henry James, *A volta do parafuso*, tendem a serem uma armadilha para esse tipo de interpretação psicanalítica que fracassa. Contra essa necessidade de diagnóstico e interpretação excessiva da narrativa, ela propõe o conceito: a coisa literária. Sendo aquilo, no texto, que resiste à interpretação, um ponto de irredutibilidade. Sendo assim, ela subverte a noção de loucura, na relação da psicanálise com a literatura, não como um diagnóstico, mas como uma resistência à interpretação.

A loucura, em outros termos (como a coisa literária), não consiste nem em sentido, nem em não sentido; ela não é um significado último, igualmente em falta ou disseminado que se pudesse imaginar, nem mesmo um significante último que resiste à decifração exaustiva, e sim um tipo de ritmo imprevisível, incalculável, inarticulável, mas estritamente narrável, através da narrativa do deslizamento de uma leitura entre o muito-pleno-de-sentido e o muito-vazio-de-sentido. Toda leitura é uma narrativa ritmada pela retórica de sua falta-a-dizer sobre sua relação com o texto e com a loucura do texto. [...] Quanto mais um texto é “louco” – em outros termos, quanto mais ele resiste à interpretação –, mas são os modos específicos de sua própria resistência à leitura que constituem seu “sujeito” e sua literariedade. O que a coisa literária, em cada texto, nos conta é precisamente, a especificidade mesma de sua resistência à nossa leitura (Felman, 2020, p. 296).

A proposta de aproximação da psicanálise com a literatura por parte de Shoshana Felman demonstra uma ruptura com algumas práticas freudianas e de alguns pós-freudianos de uma busca exaustiva por uma interpretação última para o texto, determinista, diagnosticando o autor e personagens das obras literárias. Com o neologismo “a coisa literária”, ela reconhece

um limite da psicanálise diante das obras literárias, recuando de uma interpretação selvagem⁶ e de uma postura de supremacia psicanalítica diante da literatura. Portanto, respeitando as especificidades literárias e reconhecendo que a psicanálise tem a aprender com a literatura.

Ainda nessa direção, Cleusa Rios P. Passos (2009) tem desenvolvido um trabalho sólido nas trilhas da crítica literária psicanalítica, também embasada em uma leitura lacaniana. Ela discutiu em seus trabalhos os limites entre as possibilidades da psicanálise com a literatura, considerando que a literatura não pode perder aquilo que lhe é próprio por conta de outro saber. Ela considera que as trocas entre os dois campos devem trazer ganho para as duas áreas em sua dimensão cultural.

Passos (1995) articula as confluências da literatura com a psicanálise com a noção barthesiana, do texto literário como um tecido de significantes, no qual giram saberes diversos, sendo o psicanalítico um deles. Ela considera que o lugar da psicanálise nesse campo é indireto, pois o texto literário ocupa o primeiro lugar e que a relação entre as duas áreas pode ter uma forma dupla: a psicanálise pode lançar luz sobre alguns pontos da obra literária, e essa, por sua vez, pode reafirmar a dimensão cultural da psicanálise.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Traçamos um breve panorama desde a aproximação controversa de Freud com a literatura, passando pelas práticas pós-freudianas da patografia, da psicobiografia e da psicocrítica, refletindo sobre as contribuições e os problemas oriundos dessas vertentes interpretativas. Destacamos em Lacan um aporte relevante ao romper com essas práticas, que reduziram o texto literário às abordagens diagnósticas. A perspectiva lacaniana regalou aos psicanalistas uma prática profícua com a literatura, ao propor privilegiar o texto e não incorrer no erro de reduzi-lo à novela edípica dos escritores, aos seus conflitos sexuais e diagnósticos selvagens.

Identificamos, nas práticas contemporâneas de aproximação da psicanálise com a literatura, propostas que visam enriquecer ambos os campos de produção e estudo e que incluem um esforço de atualização e revisão constantes como proposto pelo psicanalista e pesquisador

⁶ Freud utilizou o termo psicanálise selvagem pela primeira vez em 1910, para criticar conduções de análises realizadas sem a devida formação teórica e técnica. Ao longo da história da psicanálise, a expressão ficou vinculada às noções de interpretações arbitrárias e distorcidas, explicações simplistas e causalistas e, ainda, abordagens diretivas que desconsideram a singularidade de cada caso.

Mandil (2005). Consoante com isso, visitamos a proposta de entrelaçamentos dessas áreas pela psicanalista Maria Rita Kehl (2016), que busca subsídio na literatura como forma de examinar as transformações culturais e sociais que se apresentam na ficção e são do interesse da prática clínica. Além disso, identificamos na proposta de Lucia Castello Branco, que cunha a expressão psicanálise literária, uma perspectiva que inclui a literatura como forma de pensar os mecanismos da clínica, ao aproximar a prática psicanalítica dos processos ficcionais e poéticos da literatura, correlacionando escuta e leitura, fala e escrita.

Na vertente da psicanálise como uma possibilidade interpretativa dentro da crítica literária, compreendemos a relevância dos trabalhos da pesquisadora Shoshana Felman (2020), com o neologismo “a coisa literária”, que reafirma o rompimento com práticas de interpretação selvagens promovidas pelos primeiros psicanalistas. Ainda, verificamos a importância do trabalho da crítica literária brasileira Cleusa Rios P. Passos (1995, 2009), que propõe contribuição recíproca para o avanço das duas áreas.

Portanto, ao examinar algumas modalidades de enlaçamento da psicanálise com a literatura, compreendemos a urgência de não perpetuar abordagens simplistas e obsoletas que reduzem o texto literário à história edípica do escritor e muito menos cair no engodo de que a psicanálise detém as respostas últimas e absolutas sobre uma obra, ao utilizá-la como mera ilustração dos conceitos psicanalíticos ou ainda adotar interpretações selvagens. Coadunamos com os psicanalistas e pesquisadores que propõem vertentes entre os dois campos que enriqueçam ambas as áreas, respeitando seus limites e particularidades. Verificamos que dentre as possibilidades atuais de aproximação dessas duas áreas, a psicanálise está circunscrita dentro da crítica literária como uma prática que respeita a especificidade da literatura e traz contribuições para fomentar discussões em ambas as áreas, respeitando seus limites, como sugerido pela pesquisadora Cleusa Passos (2009). Além disso, a literatura contribui significativamente para fortalecer a vertente cultural da clínica psicanalítica e pensar seus mecanismos operantes. Esperamos que esse breve panorama contribua para esclarecer os equívocos das associações entre essas duas áreas e, ainda, que reafirme e estimule abordagens profícuas de interseções entre a psicanálise e a literatura.

Referências

- ANDRADE, M. C. Para que serve a escrita? Freud escreve(-se). **Aletria**: Revista de Estudos de Literatura, v. 12, p. 31–41, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.17851/2317-2096.12..31-41>. Acesso em: 4 jan. 2023.
- AUTUORI, Sandra; RINALDI, Doris. A Arte em Freud: um estudo que suporta contradições. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, v. 34, n. 87, p. 299-319, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/946/94632922002.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- BARTUCCI, Giovanna. **Psicanálise, literatura e estéticas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- BRANCO, Lucia C.; SOBRAL, Ayanne Priscila A. **O que é psicanálise literária?** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2022.
- BRANDÃO, Ruth Silviano. Editorial. **Aletria**: Revista de Estudos de Literatura. v.12, p. 5-7, dez, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.17851/2317-2096.12..5-7>. Acesso em: 9 dez. 2022.
- CALDAS, Heloisa. **Da voz à escrita**: clínica psicanalítica e literatura. Rio de Janeiro: Contra capa, 2007.
- CHAVES, Ernani. Prefácio: O paradigma estético de Freud. FREUD, Sigmund. **Arte, literatura e os artistas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- FELMAN, Shoshana. Henry James: loucura e interpretação. BRANCO, Lucia Castello (org.). **Shoshana Felman e a coisa literária**: escrita, loucura, psicanálise. Belo Horizonte: Letramento, 2020.
- FREUD, Sigmund. Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades? [1919]. **Obras Completas Volume 14**: história de uma Neurose Infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010.
- FREUD, Sigmund. O infamiliar [Das Unheimliche] [1919]. **Edição Autêntica das obras incompletas de Sigmund Freud**: o infamiliar e outros escritos / Sigmund Freud; seguido de O homem da areia / E.T.A Hoffmann. Tradução: Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- IANNINI, Gilson; TAVARES, Pedro Hiodoro; ROMÃO, Tito Lívio Cruz. Prefácio: Escrever a clínica: Freud entre a ciência e a literatura. **Edição Autêntica das obras incompletas de Sigmund Freud**: histórias clínicas: Cinco casos paradigmáticos da clínica psicanalítica. Tradução: Tito Lívio Cruz Romão. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- LACAN, Jacques. Joyce, o Sintoma. In: LACAN, Jacques. **Outros Escritos**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003a. p.565-566.
- LACAN, Jacques. **Outros Escritos**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003b. p. 198-205.
- LACAN, Jacques. Lituraterra. In: LACAN, Jacques. **Outros Escritos**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003c. p.15-28.
- MANDIL, Ram. Literatura e Psicanálise: modos de aproximação. **Aletria**: Revista de Estudos de Literatura. v. 12, p. 42-48, dez, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.17851/2317-2096.12..42-48>. Acesso em: 9 dez. 2022.
- MANDIL, Ram. **Os efeitos da letra**: Lacan leitor de Joyce. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

MIRANDA, Ana Augusta Wanderley Rodrigues. O texto literário e o texto inconsciente.

Aletria: Revista de Estudos de Literatura. v.12, p.116-117. dez, 2005. Disponível em:

<https://doi.org/10.17851/2317-2096.12..116-117>. Acesso em: 9 dez. 2022.

PASSOS, Cleusa Rios Pinheiro. **As armadilhas do saber:** relações entre literatura e psicanálise. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

PASSOS, Cleusa Rios Pinheiro. **Confluências, crítica literária e psicanálise.** São Paulo: Edusp, 1995.

SOUSA, Edson Luiz André de. Pós-fácio: Faróis e Enigmas: Arte e psicanálise à luz de Sigmund Freud. FREUD, Sigmund. **Arte, literatura e os artistas.** Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

NOEL, Jean Bellemin. **Psicanálise e Literatura.** Tradução: Álvaro Lorencini e Sandra Nitrini. São Paulo: Cultrix, 1978.

Submetido em: 08/06/2025

Aprovado em: 16/09/2025